

## A ESTRUTURA SEMÂNTICA DO OBJECTO INDIRECTO EM PORTUGUÊS

AUGUSTO SOARES DA SILVA

(Universidade Católica Portuguesa - Faculdade de Filosofia de Braga)

### 1. Introdução

O objectivo do presente estudo é duplo: naturalmente descritivo, mas também teórico. A nível descritivo, pretendemos analisar, no quadro da Linguística Cognitiva, a semântica de uma categoria bem complexa da gramática de qualquer língua e, portanto, também do Português, como é o objecto indirecto ou “dativo”. Procuraremos mostrar, na sequência de alguns estudos cognitivos já feitos para outras línguas, muito em particular, o de Geeraerts (1998), que a estrutura semântica do objecto indirecto em Português pode ser coerentemente descrita partindo de um protótipo espacial, derivando a seguir os outros usos através de mecanismos conceptuais bem conhecidos de mudança semântica, e ainda explorando as relações entre estes mecanismos e evidenciando, assim, a natureza multidimensional da respectiva estrutura semântica<sup>1</sup>.

Teoricamente, pretendemos corroborar a importância de uma análise gramatical segundo o modelo cognitivo *lexical* ou *lexicológico* (já por nós explorado no estudo sobre o verbo *deixar*, Silva 1997a). Orientação que, aliás, está na base dos dois modelos cognitivos gramaticais mais importantes: a Gramática Cognitiva de Langacker (1987, 1990a, 1991) e a Gramática de Construções de Fillmore (Fillmore & Kay 1994, Goldberg 1995). Evidenciaremos também que a descrição semântica das construções gramaticais tem que estar intimamente ligada à sua estrutura sintáctica. E ainda que a estrutura das categorias lexicais e gramaticais tem a forma de um espaço *multidimensional*.

Não assumimos o conceito meramente formal de objecto ou complemento indirecto como “complemento que se liga ao verbo por meio de preposição” (Cunha & Cintra 1984: 137-138, 144-146) e, não obstante os inconvenientes do termo *indirecto*, da tradição gramatical francesa, preferimos *objecto indirecto* a

*dativo*, visto ser essa a designação tradicional e a mais frequente<sup>2</sup>.

## 2. O protótipo do objecto indirecto em Português

São vários e diferentes os sentidos do objecto indirecto (doravante, OI) em Português: basta comparar os OI de casos como dar algo *a alguém*, dizer algo *a alguém*, levar algo *a alguém*, prometer algo *a alguém*, tirar algo *a alguém*, obedecer *a alguém*. Facilmente reconheceremos que o sintagma *à Maria* da frase

(1) *O João deu um livro à Maria.*

exemplifica o OI prototípico. Definimo-lo como o '**recipiente activo de uma transferência material benefactiva**'. Por outras palavras, o OI prototípico remete para um cenário envolvendo um processo de transferência física plenamente realizado, um agente humano que intencionalmente realiza essa transferência, uma entidade material que é transferida de um lugar e do domínio de controlo de uma pessoa para outro lugar e para o domínio de controlo de outra pessoa e a funcionalidade benefactiva da transferência; e neste cenário, ele é a pessoa a quem se dirige a transferência e que dela beneficia. Um cenário sintacticamente codificado na chamada construção "bi-transitiva" SN1+V+SN2+aN3<sup>3</sup>. E o verbo que melhor lexicaliza o processo de transferência benefactiva de uma entidade material é *dar*.

O OI prototípico combina dois papéis temáticos logicamente independentes: Meta ou Recipiente e Beneficiário. Esta dualidade (ou polissemia) provém da copresença de duas dimensões do processo de transferência: a dimensão *espacial*, isto é, a transferência como mudança de lugar, deslocação de um objecto de um ponto a outro, faz do OI a Meta desse movimento ou o Recipiente desse objecto deslocado; e a dimensão *funcional*, isto é, a transferência como um processo com efeitos específicos na pessoa que recebe o objecto, faz do OI o Beneficiário dessa transferência (naturalmente também o Experienciador desses efeitos e o Possuidor do objecto material transferido). Quer como Recipiente quer como Beneficiário, o OI prototípico é um participante *activo* do processo, no sentido não apenas de poder iniciar, de alguma forma, uma *interacção* com o objecto recebido<sup>4</sup> ou reagir, de algum modo, ao que entra no seu domínio de controlo, mas sobretudo poder controlar e manipular o objecto consoante as suas intenções e os seus desejos.

Observando de novo o protótipo do OI, é importante fazer notar que ele constitui uma estrutura perspectivável em duas dimensões principais — a *espacial* e a *funcional* — e decomponível em três ou quatro componentes conceptuais — 'recipiente', 'transferência', natureza 'material' e natureza 'benefactiva' da transferência. Compreenderemos assim que cada uma das

componentes do protótipo pode ser ponto de partida de mudanças semânticas e cada uma por si pode também ser objecto de diferentes tipos de mudança semântica.

### 3. Extensões metafóricas

Uma extensão do protótipo do OI, facilmente identificável, envolve um processo de *metaforização* incidindo sobre a natureza 'material' da entidade transferida: de (recipiente de) uma transferência material, passa-se para (recipiente de) uma transferência não-material. Há aqui dois tipos de extensão metafórica. Um diz respeito a transferências de entidades abstractas (só metonimicamente traduzidas em objectos concretos), como em (2).

- (2) a. *Dai-nos a paz!*  
 b. *Deu-lhe a vice-presidência do partido.*

O outro envolve extensões no domínio dos actos verbais e/ou cognitivos, como em (3), e no domínio dos actos de percepção sensorial, como em (4).

- (3) a. *O João disse à Maria que vinha.*  
 b. *O João ensinou inglês à Maria.*  
 (4) *O João mostrou o quadro / a paisagem à Maria.*

Razão principal da sua distinção, estas duas extensões metafóricas encontram a sua motivação em diferentes aspectos do protótipo do OI: enquanto a primeira parte da concepção *funcional*, a segunda toma a perspectiva *espacial* ou orientacional.

Outras extensões metafóricas são as que se dão em casos como (5) e (6):

- (5) a. *O negócio dá-lhe muito dinheiro.*  
 b. *Ele deixou-lhe boas recordações / muitas saudades.*  
 c. *O loureiro dá um sabor especial à comida.*  
 (6) a. *Dei um beijo à Maria.*  
 b. *Ela deu-lhe uma estalada.*  
 c. *Devo-lhe muitos favores.*

No primeiro caso, eventos causais são metaforicamente conceptualizados como processos de transferência. No segundo caso, acções que são intencionalmente dirigidas a alguém e, como (6.c), realizadas em benefício de alguém são conceptualizadas como entidades que são transferidas para essa pessoa. Em ambos os casos, o ponto de partida da metaforização é, sobretudo, a componente 'transferência' do OI prototípico.

#### 4. Extensões por generalização

Um outro tipo de extensão do protótipo envolve um processo de *generalização* dos aspectos *funcionais* da transferência e traduz-se num *enfraquecimento* do papel *activo* e de Beneficiário do recipiente da transferência prototípica. Basicamente, passa-se, assim, de um Beneficiário com poder de controlo sobre o objecto recebido e liberdade de o usar e manipular a uma entidade que passivamente recebe e sofre o efeito da transferência. É isso o que mostram os seguintes exemplos:

- (7) *O médico fez-lhe o implante de um rim.*
- (8) a. *Atirei-lhe um balde de água fria.*  
 b. *O mar deixou-lhe sal nos lábios.*  
 c. *Disse-lhe que não podia ir.*
- (9) *O João deu brilho aos sapatos.*

Em nenhum destes exemplos se observa uma transferência no domínio do *controlo* do OI, característica do protótipo, exemplificado acima na frase (1). O exemplo de (7) mostra uma transferência no domínio do *uso* do OI: a entidade transferida é usada mas não manipulada pelo Beneficiário. Os exemplos de (8) ilustram uma transferência no domínio da *experiência* do OI: este simplesmente experiencia o que entra no seu domínio e, conseqüentemente, os efeitos do processo de transferência. Finalmente, (9) é o ponto máximo de generalização: a transferência dá-se agora no domínio da *afecção* do OI, tipicamente não-humano, como mudança dos seus atributos e características.

Observe-se agora que esta escala de generalização dos efeitos funcionais se verifica também do lado das transferências metafóricas de entidades não-materiais, estudadas no parágrafo anterior. A Figura 1 sistematiza a respectiva correlação.

Ainda sobre os efeitos funcionais da transferência, apreciemos os chamados “*dativus commodi/incommodi*” (ou “*dativo benefactivo/malefactivo*”) e “*dativo possessivo*” (ou “*dativo partitivo*”). O “*dativus commodi*”, exemplificado em

- (10) a. *O Zé abriu a porta aos convidados / para os convidados.*  
 b. *Ligue-me a luz, que não vejo!*  
 c. *Comprei um livro para a Maria.*

	Recipiente de transferência <i>material</i>	Recipiente de transferência <i>abstracta</i>	Recipiente de transferência <i>verbal/perceptual</i>
transferência no domínio do <i>controlo</i> do OI	Dei um livro à <i>Maria</i> .	Dei a alma a <i>Deus</i> . Dei-lhe a chefia do partido. Dei-lhe o direito de ensinar.	
transferência no domínio do <i>uso</i> do OI	O médico fez-lhe o implante de um rim.	Dou-te dois dias para decidires.	
transferência no domínio da <i>experiência</i> do OI	O acidente deixou- lhe uma cicatriz na cara. Dá-me um beijo!	Dai-nos a paz! O filho deu-lhes alegrias. Dei-lhe força e coragem.	Disse à <i>Maria</i> que vinha. Ensinei inglês ao <i>Zé</i> . Mostrei o quadro à <i>Maria</i> .
transferência no domínio da <i>afecção</i> do OI	Ele deu brilho aos <i>sapatos</i> .	O júri atribuiu o primeiro lugar à <i>atleta portuguesa /</i> <i>ao invento</i> <i>português</i> .	

Figura 1

*Generalização e metaforização do protótipo do OI*

reforça a função benefactiva (malefactiva no caso do "dativus incommodi") da transferência, acentua a importância da acção para o OI, mas retira ao recipiente humano o seu papel 'activo' e a sua envolvimento no processo: o OI é um recipiente passivo, um elemento determinado pela *intencionalidade* do agente — a preposição *para* evidencia essa intencionalidade —, exterior à valência verbal. Situa-se na mesma posição de generalização que a do recipiente de transferências verbais/perceptuais: também ele é apenas experienciador dos efeitos da acção, mas ao contrário deste, um recipiente e experienciador por acidente. Mas este dativo resulta também da mesma metaforização da 'transferência' observada em (6.c): acções executadas com a finalidade de beneficiar ou prejudicar alguém são interpretadas como objectos transferidos para essa pessoa.

Quanto ao "dativo possessivo", exemplificado em

- (11) a. *É a mulher que lhe corta o cabelo.*  
 b. *Rasguei-lhe as calças.*  
 c. *Isso abriu-me os olhos.*

observam-se a mesma generalização no sentido de um recipiente como experienciador, mas agora salientando a sua afectação, ou melhor, todo o domínio de afectação, a mesma metaforização da ideia de transferência, ligada agora a uma relação de posse, não consequente, como nos casos de transferência literal, mas preexistente, a mesma exterioridade do OI em relação ao processo.

Recapriciando estes dois casos particulares de OI e acrescentando-lhes um outro, o da construção “se lhe”, exemplificada em (12), conclui-se que os três casos (bem como o chamado “dativo ético”, a que adiante nos referiremos) ilustram um processo de enfraquecimento, portanto também um processo de generalização, do papel ‘activo’ do recipiente, mas agora relativamente à sua envolvimento no processo, traduzindo-se portanto num não envolvimento (mais ou menos acentuado). O OI destes quatro casos exprime a parte interessada afectada pelo processo mas sem estar activamente envolvida nele. A construção “se lhe” exprime, especificamente, o ‘envolvimento involuntário e não-responsável’ da entidade representada pelo clítico *lhe*<sup>6</sup>.

- (12) a. *Deram-se-lhe todas as informações sobre o novo projecto.*  
 b. *Secaram-se-lhe as flores.*

Um outro tipo de extensão por generalização é o que se dá em casos como

- (13) a. *Levei o João ao médico.*  
 b. *O pai deixou de enviar dinheiro ao malandro do filho.*  
 c. *Trouxe-me uma prenda de Paris.*

Trata-se agora de um processo de generalização dos aspectos *espaciais* do protótipo da transferência: o OI é não só o ‘recipiente de uma transferência’, mas também e claramente a ‘meta, direcção, destino de um movimento’ de deslocação do objecto, justamente expresso por um verbo de movimento. Este uso espacial do OI encontra também motivação diacrónica: era este um dos usos do dativo latino, e vários autores (embora não todos) defendem a tese localista da origem do dativo latino e indo-europeu, considerando que a sua função primária terá sido a de exprimir a direcção de um movimento<sup>7</sup>. A ser verdade, a relação diacrónica entre a concepção espacial e a concepção funcional do dativo é a inversa da relação sincrónica, tendo-se assim verificado uma mudança do protótipo, o que teoricamente não representa nenhuma anomalia<sup>8</sup>.

Esta generalização da dimensão espacial pode combinar-se com a metaforização da transferência e do movimento. É o que acontece com verbos que exprimem um movimento abstracto ou metafórico:

- (14) a. *Associdou a empresa a uma banca europeia.*  
 b. *Ligou um indício ao outro e descobriu o assassino.*  
 c. *Trago-te uma boa notícia.*

Na mesma linha de generalização dos aspectos espaciais do protótipo, situa-se ainda o que Maldonado (1994, 1998) distingue sob o nome de *dativo de afectação*:

- (15) a. *O filbo morreu-lhe nos braços.*  
 b. *O conferencista deixou-nos uma péssima impressão.*  
 c. *Rebentou-se-me o balão.*  
 d. *Escapou-se-me das mãos.*  
 e. *À Maria detectaram-lhe um cancro.*

A entidade expressa por este dativo opera sobretudo como o 'lugar' concreto ou abstracto (emocional/mental) em que a acção se desenrola, sendo assim afectada por ela (Maldonado 1998: 695). Mais uma vez, uma mudança motivada pelo valor locativo do dativo latino. Mas o *dativo de afectação* participa também do mesmo processo de generalização dos aspectos funcionais do protótipo, apontado acima para os dativos bene(male)factivo, possessivo e ético: também ele é um participante não activo, experienciador afectado, elemento exterior à valência do verbo, situado fora da acção mas dentro do cenário<sup>9</sup>.

### 5. Extensões metonímicas

A componente conceptual 'transferência' do protótipo do OI é também ponto de partida de extensões *metonímicas*: em vez de nomear o recipiente de um processo actual de transferência, o OI passa a identificar pessoas ou outras entidades envolvidas em acções ou estados de coisas metonimicamente associados a processos de transferência. Dois importantes tipos de extensão metonímica se podem distinguir. Por um lado, a construção com OI refere-se a acções ou estados de coisas que *precedem* processos de transferência, nomeadamente, acções preliminares, preparações, condições, intenções, etc. Por exemplo, quando alguém (A) promete algo a alguém (B), como, por exemplo, (16.a), embora a transferência ainda não se tenha dado, B (neste caso o filho do João) é construído como beneficiário de uma acção preliminar (a promessa) que, em princípio, levará à actualização da transferência. Outros exemplos de metonímia da 'acção precedente' dão-se com verbos de preparação, criação, obtenção, transacção comercial ou um outro tipo de aquisição, posse futura, reserva, permissão, etc.:

- (16) a. *O Zé prometeu um carro ao filho.*  
 b. *Preparei-te uns camarões grelhados.*  
 c. *Tire-me um café, por favor!*  
 d. *Construiu uma linda casa para o seu filho.*  
 e. *Comprei/vendi/aluguei-lhe uma casa.*  
 f. *Conquistou o território aos mouros.*  
 g. *Deixou/legou/doou ao João a casa do Algarve.*  
 h. *Mando-te a encomenda pelo correio.*  
 i. *Reservei-lhe o jornal / um quarto com vistas para o mar.*  
 j. *O juiz deixou/permitiu-lhe estar com o filho aos fins de semana.*

Nestes casos, o OI é 'a entidade afectada por uma acção (explicitamente mencionada) preparatória de uma transferência funcional (não mencionada) da qual essa entidade é o recipiente'.

Por outro lado, a construção com OI refere-se a estados de coisas que se *seguem* a processos de transferência: estados resultantes, efeitos, mudanças efectuadas. Por exemplo, quando se diz *à morte dos pais a casa passa a pertencer-lhe* ou *o presente é-me muito útil*, descreve-se alguém como o beneficiário de um acto de transferência, mas focaliza-se a situação *posterior* a esse acto, o qual, por isso mesmo, embora implicado, não é explicitamente mencionado. Agora, o OI é 'a entidade afectada por um estado (explicitamente mencionado) resultante de uma transferência funcional (não mencionada)'. Outros exemplos de metonímia do 'estado resultante':

- (17) a. *Já ninguém adere ao partido comunista.*  
 b. *Falta-me um livro para terminar a colecção.*  
 c. *O João (des)obedeceu ao pai.*  
 d. *Cabe-lhe a tarefa de encontrar uma solução para o conflito.*  
 e. *Aconteceu-lhe uma tragédia.*  
 f. *A sua decisão pareceu-me bem.*  
 g. *É-me difícil admitir isso.*  
 h. *Tudo o que é humano me interessa.*

Casos há em que já não se percebe qualquer referência ao processo de transferência: o OI passa então a ser, por um processo de generalização, a 'entidade afectada numa relação estática'. É aqui que surgem interpretações do OI como puro 'possuidor', puro 'experienciador' ou pura 'entidade afectada'.

Todos estes casos de metonímia do 'estado resultante' são expressos por uma construção intransitiva bivalente (SN1+V+a/para N2), sem agente ou causa (o sujeito gramatical é o objecto ou tema). Esta codificação gramatical é a consequência natural da mudança de perspectiva, do 'acto' de transferência para

o 'resultado' desse acto. Focalizando-se o resultado em vez do próprio acto, oculta-se então o agente ou causador da transferência inicial.

Os dois tipos de extensão metonímica que acabámos de descrever ocorrem também entre vários dos diferentes usos do OI que distinguimos nos parágrafos anteriores. A Figura 2 dá conta desta correlação, mas sem apresentar todas as possibilidades de combinação.

		METONÍMIA DA ACÇÃO PRECEDENTE	METONÍMIA DO ESTADO RESULTANTE
CONTROLO	<i>material</i>	Preparei- <i>lhe</i> um café. Prometi- <i>lhe</i> um carro. Reservei- <i>lhe</i> o jornal.	A casa passa agora a pertencer- <i>me</i> . O presente é- <i>me</i> muito útil.
	<i>abstracto</i>	Prometi a minha alma a <i>Deus</i> / a chefia do partido ao <i>João</i> .	O futuro a <i>Deus</i> pertence. Cabe- <i>lhe</i> a chefia do partido / a decisão final. A capacidade de ler depressa é- <i>me</i> vantajosa
EXPERIÊNCIA	<i>material</i>	Prometeu- <i>lhe</i> uma canção. Dedicou- <i>lhe</i> o prémio. Preparou- <i>lhe</i> um banho. Mando- <i>te</i> um abraço.	A canção agrada- <i>me</i> muito. <i>A Maria</i> desagrada- <i>lhe</i> o cheiro a gasolina. Não resisti às <i>carícias dela</i> . Doem- <i>me</i> as costas.
	<i>abstracto</i>	Prometeu ao <i>povo</i> paz e bem-estar. Arranjou- <i>lhe</i> uma grande chatice. Criou- <i>me</i> dificuldades. Concedeu- <i>lhe</i> a independência.	Tudo o que é humano <i>lhe</i> interessa. Apraz- <i>me</i> saber que estás bem. Obedeceu às <i>ordens do pai</i> . Compete- <i>te</i> a <i>ti</i> decidir.
AFECTAÇÃO	<i>material</i>	O Presidente da Câmara desejou ao <i>novo museu</i> muitos visitantes.	A tinta adere bem à <i>parede</i> . O rato é comum a <i>todos os computadores</i> .
	<i>abstracto</i>	Augurou à <i>nova teoria</i> uma longa vida.	As mudanças convêm à <i>teoria</i> . Já ninguém adere à <i>ideologia comunista</i> . A melancolia é comum a <i>toda a música romântica</i> .

Figura 2

*Correlação entre metonímia, generalização e metáfora na extensão semântica do OI*

## 6. Subjectificação: o “dativo ético”

A partir dos usos do OI como 'experienciador' ou 'entidade afectada' numa 'relação estática' (generalização da metonímia do 'estado resultante'), uma outra extensão semântica conduz a um uso muito especial do OI — o chamado “dativo ético”, exemplificado a seguir:

- (18) a. Não *me* chegues tarde a casa!  
 b. Conta *me* bem essa história ao miúdo!  
 c. Aquele é que *te* saiu um grande patife!

O “dativo ético” é o resultado da mudança do domínio *referencial* da frase para o seu plano *pragmático*, isto é, para o domínio dos participantes do respectivo acto de fala: a entidade interessada e afectada não faz parte do domínio referencial em que a acção ou situação têm lugar, mas do domínio pragmático em que a frase é enunciada. Esta mudança é um exemplo claro do processo de *subjectificação*, tal como tem sido descrito por Langacker (1990b) ou Traugott (1989), que consiste em fazer passar a conceptualização de determinada relação particular de uma construção *objectiva*, isto é, sem qualquer referência ao respectivo acto de fala, para uma construção *subjectiva*, em que o sujeito falante (ou um outro elemento do acto de fala) passa a figurar como um dos elementos dessa relação.

## 7. Mudança de perspectiva: transferência invertida/bloqueada

Uma última extensão do protótipo consiste na mudança de perspectiva da direcionalidade da transferência prototípica. Em vez de receber algo, a entidade expressa pelo OI perde ou é privada de algo:

- (19) a. O João tirou/roubou o livro à Maria.  
 b. O João recusou o livro / um aumento de salário à Maria.

Nestas transferências invertidas ou bloqueadas, numa palavra, *negativas*, verificam-se muitas das extensões identificadas anteriormente. A Figura 3 regista a respectiva correlação, sem explorar, todavia, todas as possibilidades.

A explicação da mudança de perspectiva não é fácil. Uma hipótese será considerá-la como o resultado de uma *auto-antonímia*, mas, e como demonstrámos noutro lugar (em relação ao verbo *deixar*, Silva 1997a), a auto-antonímia não parece ser um mecanismo autónomo de mudança semântica, antes um efeito de outras mudanças, um epifenómeno. Esta mudança de perspectiva é provavelmente o resultado de um processo de generalização incidindo sobre a

componente 'transferência' do caso prototípico. Uma generalização que consiste em omitir o aspecto 'benefactivo' da transferência prototípica. Ou seja: o efeito

	MATERIAL.	ABSTRACTO
<i>transferência negativa a partir do domínio de controlo</i>	Ele tirou/roubou o livro <i>à Joana</i> . Tomou- <i>lhe</i> a mão.	Tirou- <i>lhe</i> todos os poderes que ainda tinha. O juiz tirou- <i>lhe</i> a custódia do filho.
<i>transferência negativa a partir do domínio da experiência</i>	O médico tirou/arrancou- <i>lhe</i> um dente. Afasta-te; não <i>me</i> tires o sol!	O cigarro tira- <i>lhe</i> o apetite de comer. O café tira- <i>me</i> o sono. Tiraram- <i>lhes</i> a independência. Perguntei <i>à Maria</i> onde estavas.
<i>transferência negativa a partir do domínio da afectação</i>	O sol tira o verniz <i>à madeira</i> . <i>A dez</i> tira/subtrai seis!	Não há machado que corte a raiz <i>ao pensamento</i> .
<i>transferência negativa espacial (inversão do movimento)</i>	Levou(=roubou)- <i>lhe</i> todo o dinheiro que tinha. Tirou/arrancou/extraiu- <i>lhe</i> um dente	Arrancou- <i>lhe</i> algumas palavras. Conseguiu extrair- <i>lhe</i> o mal / a doença.
<i>acção precedente a uma transferência negativa</i>	Comprei/aluguei a casa <i>ao proprietário</i> . Pedi dinheiro <i>ao pai</i> .	Pedi <i>ao pai</i> um conselho.
<i>relação estática de afectação associada a transferência negativa</i>	Falta- <i>lhe</i> o dinheiro necessário para comprar a casa.	Falta- <i>lhe</i> coragem para resolver o problema.

Figura 3

*Mudança de perspectiva, generalização, metáfora e metonímia na extensão semântica do OI*

benefactivo combina-se naturalmente com a direcionalidade orientada em direcção ao OI (algo de 'bom' *para* alguém); o apagamento deste efeito permite a mudança de direcionalidade, justamente a direcionalidade inversa ou o bloqueio da direcionalidade prototípica. Simultaneamente, o OI já não é um 'recipiente' mas uma 'entidade afectada'. É uma entidade tipicamente afectada pela negativa: os casos prototípicos de transferência *negativa* envolvem um efeito *negativo* no OI — este perde ou vê-se privado de algo 'bom'.

A Figura 4 representa as quatro combinações possíveis das componentes 'direccionalidade' e 'efeito' da transferência, assinalando as duas combinações prototípicas, inversas entre si.

	EFEITO POSITIVO	EFEITO NEGATIVO
TRANSFERÊNCIA EM DIRECÇÃO AO OI	O João deu um livro <i>à Maria</i> .	O João deu- <i>lhe</i> uma bofetada. Os pais deixaram dívidas <i>aos filhos</i> .
TRANSFERÊNCIA A PARTIR DO OI (TRANSF. NEGATIVA)	O medicamento tirou- <i>lhe</i> as dores de cabeça. O dentista tirou/extraiu- <i>lhe</i> o dente cariado.	O João roubou um livro <i>à Maria</i> .

Figura 4  
*Direccionalidade e funcionalidade da transferência*

### 8. A estrutura multidimensional do OI em Português

Como síntese, a Figura 5 pretende representar a estrutura semântica do OI no Português Contemporâneo.

Os 13 pontos de extensão (9 directamente a partir do protótipo) não representam os diferentes 'sentidos' do OI, mas essencialmente as componentes conceptuais que podem coocorrer em várias combinações e assim fazer parte dos diferentes usos particulares desta categoria. Por outras palavras, estes 13 pontos representam 13 dimensões semânticas que estão na base da polissemia do OI.

Neste aspecto, o tipo de representação da Figura 5 é essencialmente diferente de outros modelos de representação de estruturas semasiológicas frequentes em linguística cognitiva, quer o modelo "radial", popularizado por Lakoff (1987), e com o qual a presente representação aparentemente parece identificar-se, quer o modelo da "rede", introduzido por Langacker (1987)<sup>10</sup>. Com efeito, cada um dos pontos ou "nós" das representações à Lakoff ou à Langacker indicam usos individuais da categoria em análise.

O que a Figura 5 bem representa é, mais do que a natureza *prototípica* (baseada num protótipo), a natureza *multidimensional* da estrutura semântica do OI em Português: uma estrutura caracterizada pela covariação de 13 extensões semânticas afectando as 3 diferentes componentes do protótipo.

Se é certo que a Figura 5 não indica expressamente os vários usos particulares da categoria OI em Português e, muito menos, os seus modos de expressão, não é menos certo que todos esses usos, bem como as suas diferentes construções sintácticas e os seus diferentes estatutos valenciais nela se podem encontrar e, sobretudo, nela encontram a sua explicação essencial - a sua motivação *semântica*. Qualquer um dos tipos de OI das classificações (mais propriamente sintáctico-semânticas) de Vilela (1992) e Berlinck (1996) se pode

aqui encontrar<sup>11</sup>. Por outro lado, a Figura 5 ultrapassa a tipologia mais completa que conhecemos (a de Berlinck 1996) ao permitir identificar outros tipos: 'metonímia das pré-condições', 'transferência no domínio da experiência ou da afectação' do OI e ainda a distinção entre dois tipos de 'transferência não-material', não só a 'transferência verbal/perceptual', mas também a 'transferência de entidades abstractas'.

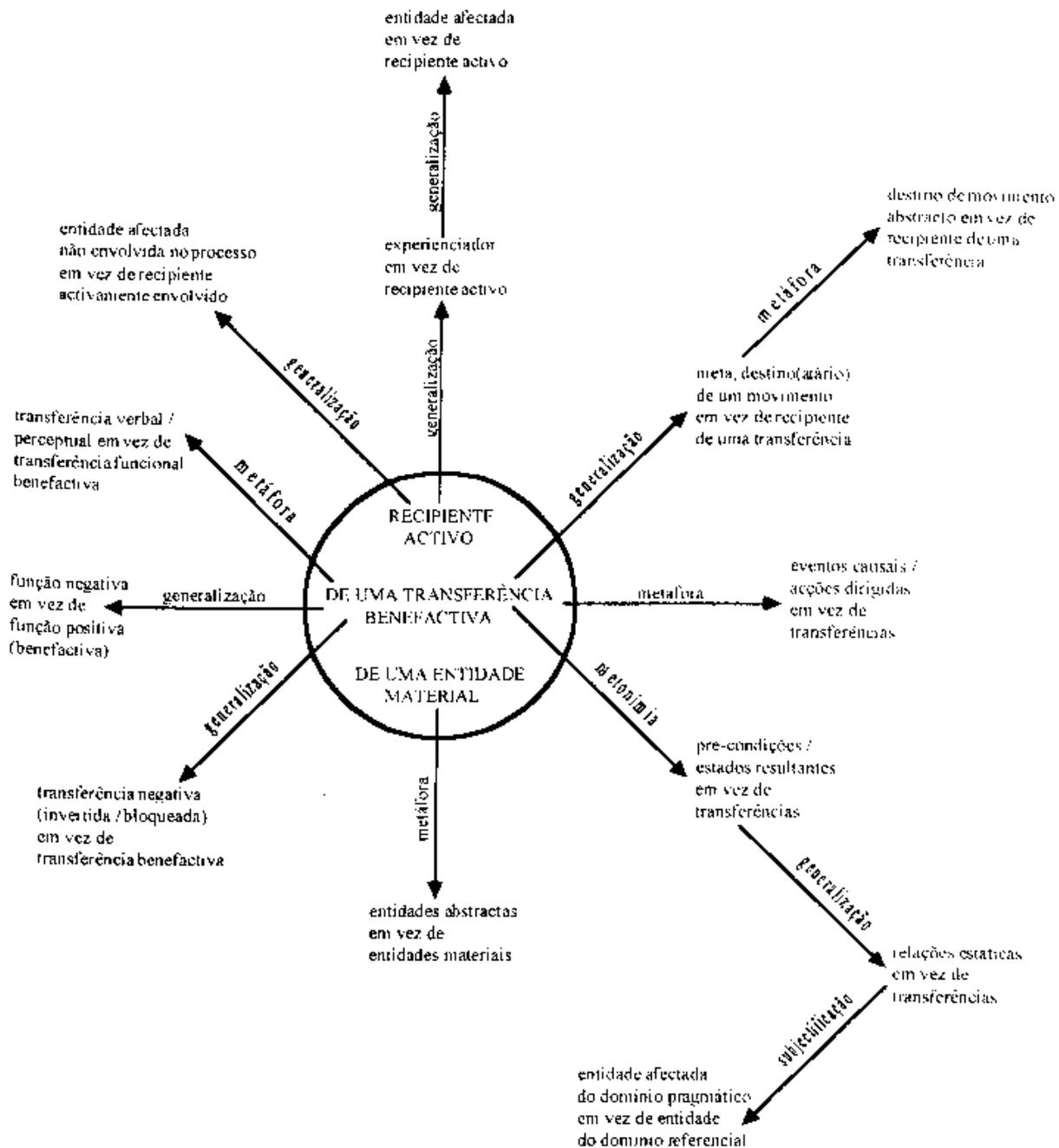


Figura 5

*A estrutura multidimensional do OI em Português*

Relativamente às construções sintácticas, é importante reafirmar que também isso se pode encontrar na representação da Figura 5. Justamente, quer as componentes conceptuais do protótipo quer as várias extensões semânticas estão intimamente ligadas aos outros constituintes do “frame” sintáctico do qual faz parte o OI. E é precisamente esta dimensão *relacional*, baseada na construção, que está na base da natureza multidimensional da estrutura semântica do OI em Português.

## 9. Conclusão

Concluindo, três resultados descritivos do presente estudo. Primeiro, na estrutura semântica do OI em Português intervêm mecanismos conceptuais que se encontram na estrutura semântica de categorias lexicais: para além de um centro prototípico e dos respectivos efeitos de prototipicidade, a estrutura semântica do OI é o resultado de extensões semânticas bem conhecidas, tais como a metáfora, a metonímia, a generalização e ainda a já não tão conhecida subjectificação. Segundo, a estrutura semântica do OI em Português está intimamente ligada à construção gramatical de que faz parte: tanto o protótipo como as suas extensões semânticas envolvem claramente os outros constituintes da construção bi-transitiva. A construção intransitiva bivalente está metonimicamente associada à construção bi-transitiva e para os casos do chamado (sintacticamente) “dativo livre” encontrámos as suas motivações semânticas. Terceiro, a estrutura semântica do OI em Português é de natureza *multidimensional*: os vários usos do OI bem como as relações que existem entre eles são determinados pela coocorrência de treze extensões semânticas incidindo sobre cada uma das três componentes do protótipo espacial e relacional.

Os resultados deste estudo carecem de alguns desenvolvimentos e de elementos empíricos comprovativos<sup>12</sup>. Será, sobretudo, importante confrontar a presente análise com um “corpus” suficientemente representativo do uso *real* do OI em Português, para confirmar a estrutura *prototípica* aqui proposta, verificar as diferenças de saliência relativa das várias extensões e, eventualmente, outros usos, outras extensões e dimensões. E importante será também uma análise *onomasiológica* do OI (a que aqui apresentámos foi essencialmente *semasiológica*), que dê conta das diferenças de saliência das várias construções em que esta categoria ocorre, das alternâncias com outras construções e dos factores que presidem à escolha de uma dessas construções.

Apesar destas limitações, estes resultados descritivos permitem outros tantos resultados teóricos. Primeiro, é possível e importante (continuar a) analisar a estrutura semântica de qualquer construção sintáctica numa base *lexical* ou *lexicológica*, isto é, através dos mesmos mecanismos descritivos que se utilizam na análise da estrutura semântica das categorias lexicais. Mas esta estratégia

metodológica, empreendida já pelos modelos cognitivos da Gramática Cognitiva e da Gramática de Construções, será tanto mais eficiente quanto mais apetrechado for o aparato semântico: há que incluir, não apenas alguns dos mecanismos conceptuais de organização semântica, como a metáfora e a metonímia, mas todos os que efectivamente se puderem verificar<sup>13</sup>. Grande parte dos meios descritivos e dos princípios teóricos e metodológicos por nós utilizados na análise cognitiva do verbo *deixar* (Silva 1997a) foram aqui directa ou indirectamente aplicados.

Segundo, a análise semântica de uma categoria gramatical não pode fazer-se independentemente da sua estrutura sintáctica. Mais concretamente, uma análise baseada na construção gramatical tem que ter uma forma *relacional*, dando conta dos outros constituintes da construção. Uma conclusão óbvia, corroborada por praticamente todos os modelos gramaticais, melhor, por aqueles que não põem de lado a componente semântica dos factos gramaticais. Mas a verdade é que não têm sido exploradas as suas implicações. É precisamente esta descrição *relacional* baseada na construção gramatical que permite compreender a verdadeira natureza da estrutura semântica de uma construção sintáctica.

Terceira e última conclusão, especificamente a mais relevante: a estrutura semântica das categorias em geral (lexicais e gramaticais) apresenta a forma de um espaço *multidimensional*. Concretamente, a estrutura dos complexos semasiológicos, das categorias polissémicas caracteriza-se pela coocorrência de extensões semânticas ao longo de várias dimensões. Esta é a tese de Geeraerts (1992, 1998) e de Deane (1993) e por nós próprios defendida em Silva (1997a). E este é um resultado com impacto no próprio desenvolvimento da Linguística Cognitiva. Na verdade, a concepção cognitiva mais frequente da estrutura semântica das categorias, expressa sobretudo no modelo "radial" de Lakoff (1987) mas também no modelo de "rede" de Langacker (1987), é bi-dimensional, no sentido de que se entende que a estrutura assenta num centro prototípico (ou mais do que um) e em usos mais ou menos próximos desse(s) centro(s), dele(s) directa ou indirectamente derivados. Ora, não deixando de ser necessário estabelecer as ligações entre os usos derivados e o seu centro prototípico e entre cada um daqueles, isso não é, porém, suficiente; é preciso analisar também a estrutura multidimensional que está na base das relações semânticas entre os vários usos de uma categoria (lexical ou gramatical).

## Notas

1 Importante contributo recente são os dois volumes organizados por Van Belle & Van Langendonck (1996, 1998) e dedicados ao "dativo" em onze línguas (românicas, germânicas, polaco, paxáto e nahuatl). Para o Português, ver Vilela (1992) e Berlinck (1996). Para o Espanhol, o estudo mais importante é o de Vázquez Rosas (1995). Entre

outros estudos cognitivos do objecto indirecto, e além do de Geeraerts (1998), estão os de Goldberg (1992, 1995) e de Rudzka-Ostyn (1996).

2 A terminologia *objecto directo* vs. *objecto indirecto* segue a tradição gramatical francesa, em substituição dos termos da gramática latina *acusativo* e *dativo*, respectivamente. Mas a oposição 'directo' vs. 'indirecto' da gramática tradicional francesa diz respeito à ausência vs. presença de uma preposição. A tentativa de manter o sentido de relação indirecta ou mediata entre o verbo e o seu complemento do termo *indirecto*, argumentando que o processo passa pelo objecto directo antes de chegar à entidade designada pelo objecto indirecto, esbarra com a existência de objectos indirectos de verbos intransitivos. Frequente mas não necessária é a utilização diferenciada dos termos *objecto indirecto* e *dativo*: o primeiro para os verdadeiros complementos e o segundo para os casos não-valenciais ou *adjuntos*.

3 O OI em Português liga-se ao verbo por meio da preposição *a*, e também, embora já não propriamente da valência do verbo (sobretudo no que diz respeito ao português europeu), da preposição *para*. Excepcional e provavelmente mais no português do Brasil do que no português europeu, ainda as preposições *em* e *de* (Berlinck 1996: 123). A possibilidade de substituição pela forma dativa do pronome pessoal *lhe(s)* constitui o melhor critério formal para a sua identificação.

4 Nos termos da caracterização do OI feita por Langacker (1990a: cap. 9, 1991: 324-329, 358-359).

5 Maldonado (1994) caracteriza o "dativus (in)commodi" em termos de *trajetória de intencionalidade* com que o agente executa a acção em benefício/malefício de um possível receptor.

6 Esta construção pode atribuir um outro valor ao dativo: o que adiante se designa como *dativo de afectação*, presente nos exemplos (15.c.d).

7 Sobre a origem do dativo, ver Van Heccke (1996) e Van Langendonck (1998).

8 Em Geeraerts (1997) e Silva (1997a) são estudadas mudanças semânticas que consistem em mudanças de protótipos.

9 Em contraste com outros dativos não-valenciais: o bene(male)factivo, situado dentro da acção, e o ético, fora tanto da acção como do cenário (Maldonado 1998). Maldonado (1998) caracteriza ainda os vários dativos em termos de *distância conceptual* relativamente ao núcleo do evento e propõe a seguinte escala (decrecente) de proximidade: objecto indirecto (valencial) > dativo de afectação > (benefactivo) > dativo ético.

10 Sobre estes e outros modelos cognitivos de representação da estrutura de complexos semasiológicos, hem como sobre as suas potencialidades e relativas vantagens, ver Silva (1997a: 37-45).

11 Vilela distingue dois tipos principais e alguns sub-tipos: de um lado, o OI valencial, em estrutura bivalente (com verbos de "dominação", como *pertencer*, e de "impressões", como *agradar*) e em estrutura trivalente e, nesta, com verbos "dicendi/tacendi", "dandi/tollendi" e diferentes de "dicendi/dandi" (como *agradecer*, *habituat*, *adequar*); do

outro lado, o "dativo livre", subdividido em dativo de "posse/pertença", dativo "(in)commodi" e dativo "ético". Com uma tipologia semanticamente mais completa, tomada da tipologia de Delbecque & Lamiroy (1996) para o OI em Espanhol, Berlinck distingue doze tipos distribuídos por quatro estruturas sintácticas: seis tipos transitivos (estrutura trivalente) — objecto indirecto de verbos que exprimem "transferência material" (ex. prototípico: *dar*), "transferência verbal e perceptual" (*dizer*), "movimento físico" (*levar*), "movimento abstracto" (*submeter*), o "dativus (in)commodi" e o "dativo de posse" — quatro tipos intransitivos (estrutura bivalente) — objecto indirecto de verbos que exprimem "interesse" (*obedecer*), "movimento" (*cbegar*), "movimento psicológico" (*agradar*) e o "dativo de posse" —, a construção "se lhe" e, finalmente, o não-valencial "dativo ético". Ora, os casos associados à expressão de um 'movimento' físico (*levar*) ou abstracto (*submeter*) encontram-se, na Figura 5, na generalização dos aspectos espaciais do protótipo, no sentido de fazer do OI Meta, Destino ou Destinatário de um movimento. Os casos expressos numa construção intransitiva bivalente lêem-se na metonimização da transferência, no sentido de a construção nomear não o processo mas os seus resultados, fazendo do OI a Entidade Afectada por um estado resultante de uma transferência não mencionada e, por generalização, a Entidade Afectada numa relação estática. E os casos particulares de "dativus (in)commodi", "dativo de posse", construção "se lhe", "dativo de afectação" e "dativo ético" vêem-se na generalização de aspectos funcionais do protótipo, no sentido de fazer do OI um Experienciador ou Entidade Afectada, mas não envolvido activamente no processo; e ainda, o penúltimo caso, na generalização dos aspectos espaciais do mesmo protótipo e, o último, na subjectificação que conduz essa entidade ao domínio pragmático.

12 Uma análise mais desenvolvida dos aspectos quer semânticos quer sintácticos encontra-se em Silva (1999).

13 As descrições cognitivas de Goldberg (1992, resumido em Goldberg 1995: 32-39, 141-151) e de Rudzka-Ostyn (1996) são, a este propósito, insuficientes: Goldberg, adoptando o modelo "radial" da estrutura das categorias, privilegia as relações metafóricas, Rudzka-Ostyn, seguindo o modelo da "rede", privilegia as extensões resultantes de processos de generalização ou "esquematização".

## Referências

- BERLINCK, Rosane de Andrade (1996). «The Portuguese dative», in W. van Belle & W. van Langendonck (eds.), pp. 119-151.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições Sá da Costa.
- DEANE, Paul D. (1993) «At, by, to and past: An essay in multimodal image theory», *Proceedings of the Nineteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, pp. 112-124.

- DELBECQUE, Nicole & LAMIROY, Béatrice (1996), «Towards a typology of the Spanish dative», in W. van Belle & W. van Langendonck (eds.), pp. 73-117.
- FILLMORE, Charles J. & KAY, Paul (1994), *Construction Grammar*, Unpublished manuscript, University of California at Berkeley.
- GEERAERTS, Dirk (1992) «The semantic structure of Dutch *over*», *Leuvense Bijdragen* 81, pp. 205-230.
- \_\_\_\_\_ (1997), *Diachronic Prototype Semantics: A Contribution to Historical Lexicology*, Oxford, Clarendon Press.
- \_\_\_\_\_ (1998), «The semantic structure of the indirect object in Dutch», in W. van Langendonck & W. van Belle (eds.), pp. 185-210.
- GOLDBERG, Adele (1992), «The inherent semantics of argument structure: the case of the English ditransitive construction», *Cognitive Linguistics* 3, pp. 37-74.
- \_\_\_\_\_ (1995), *Constructions. A Construction Grammar Approach to Argument Structure*, Chicago, The University of Chicago Press.
- LAKOFF, George (1987), *Women, Fire, and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*, Chicago, The University of Chicago Press.
- LANGACKER, Ronald W. (1987), *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. I, *Theoretical Prerequisites*, Stanford, California, Stanford University Press.
- \_\_\_\_\_ (1990a), *Concept, Image, and Symbol. The Cognitive Basis of Grammar*, Berlin - New York, Mouton de Gruyter.
- \_\_\_\_\_ (1990b), «Subjectification», *Cognitive Linguistics* 1-1, pp. 5-38.
- \_\_\_\_\_ (1991), *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. II, *Descriptive Application*, Stanford, California, Stanford University Press.
- MALDONADO, Ricardo (1994), «Dativos de interés, sin intereses», in A. Endruschat, M. Vilela & G. Wotjak (eds.), *Verbo e estruturas frásicas. Actas do IV Colóquio Internacional de Linguística Hispânica*, Anexo VI da Revista da Faculdade de Letras do Porto, Série Línguas e Literaturas, pp. 241-264.
- \_\_\_\_\_ (1998), «Datividad y distancia conceptual» in J. L. Cifuentes Honrubia (ed.), *Estudios de Lingüística Cognitiva II*, Alicante, Universidad de Alicante, pp. 687-705.
- RUDZKA-OSTYN, Brygida (1996), «The Polish dative», in W. van Belle & W. van Langendonck (eds.), pp. 341-394.
- SILVA, Augusto Soares da (1997a), *A Semântica de DEIXAR: Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical*, Dissertação de Doutoramento, Braga, Universidade Católica Portuguesa (publ. por Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e da Tecnologia, Lisboa, 1999).

## A ESTRUTURA SEMÂNTICA DO OBJECTO INDIRECTO EM PORTUGUÊS

- \_\_\_\_\_ (1997b) «A Linguística Cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística», *Revista Portuguesa de Humanidades* (UCP - Faculdade de Filosofia de Braga) 1, pp. 59-101.
- \_\_\_\_\_ (1999) «A semântica do objecto indirecto em Português: um espaço cognitivo multidimensional», *Revista Portuguesa de Humanidades* 3, pp. 63-99.
- TRAUGOTT, Elizabeth (1989), «On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change», *Language* 65, pp. 31-55.
- Van BELLE, William & Van LANGENDONCK, Willy (eds.) (1996), *The Dative. Volume 1. Descriptive studies*, Amsterdam, John Benjamins.
- Van HOECKE, Willy (1996), «The Latin dative», in W. van Belle & W. van Langendonck (eds.), pp. 3-37.
- Van LANGENDONCK, Willy (1998), «The dative in Latin and the indirect object in Dutch», in W. van Langendonck & W. van Belle (eds.), pp. 211-259.
- Van LANGENDONCK, Willy & Van BELLE, William (eds.) (1998), *The Dative. Volume 2. Theoretical and contrastive studies*, Amsterdam, John Benjamins.
- VÁZQUEZ ROSAS, Victoria (1995), *El Complemento Indirecto en Español*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.
- VILELA, Mário (1992), «As categorias de "objecto indirecto" em Português», in M. Vilcla, *Gramática de Valências: teoria e aplicação*, Coimbra, Almedina, pp. 117-127.